

SOBRE ESPECTROS DA IDENTIDADE: NOS RASTROS DA ADOLESCÊNCIA E AS (DES) IDENTIFICAÇÕES NA MÍDIA

Francisco Vieira da Silva¹

Ederson Luís Silveira²

Período de recebimento dos textos: 15/01/2015 a 01/05/2015.

Data de aceite: 29/05/2015.

Resumo: O presente trabalho procura se inscrever na linha dos estudos discursivos em uma abordagem de entremeio traçada entre a Análise do Discurso de linha francesa e os Estudos culturais. Dessa forma, considerando os estudos que delineam a fragmentação das identidades, bem como levando em conta a não-fixidez de marcas identitárias, visamos compreender como adolescentes do sexo feminino tecem (a partir dos seus discursos) pontos de identidade que deflagram anseios, sentimentos e agruras dessa fase da vida culturalmente concebida como problemática. A partir desse aparato teórico, procuraremos refletir sobre a influência dos discursos midiáticos na configuração e no engendramento de determinadas filiações identitárias. Para tanto, nossa abordagem incide sobre o processo de construção da identidade de adolescentes na revista *Atrevida*. Consideraremos, desse modo, que o sujeito com o qual lidamos esbarra na porosidade e na não-transparência da Língua (gem) e dos sentidos, de forma que não pode tomar para si uma identidade estável e una. Essa abordagem se caracteriza como uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa e o olhar investigativo centra-se sobre as diferentes possibilidades de (des) construção identitária das adolescentes em relação à revista analisada.

Palavras-chave: Mídia; adolescência; identidade.

Abstract: The present paper seeks to enroll on line in a discursive approach studies inset line drawn between the French line's speech Analysis and cultural studies. Thus, considering the studies that lining the fragmentation of identities, as well as taking into account the non-fixedness of identity marks, we aim to understand how female teenagers weave (from his speeches) points of identity, feelings and anxieties yearnings deflagrate in this stage of life culturally conceived as problematic. From this theoretical apparatus, we reflect on the

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com

² Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ediliteratus@gmail.com

influence of media discourses in the configuration and in the engenderment of certain identity affiliations. To this end, our approach focuses on the process of construction of identity of adolescents in *Atrevida* magazine. We consider, therefore, that the subject with which we deal stumbles on porosity and non-transparency of the tongue (gem) and the senses, so that you can't take a stable identity and una. This approach is characterized as a descriptive research of qualitative nature and the investigative eyes focuses on the different possibilities of (de) construction of identity of adolescents regarding the magazine analyzed.

Keywords: Media; adolescence; identity.

Aspectos introdutórios: a mídia, os adolescentes e a (des)construção de identidades

Histórica e culturalmente, a adolescência se constitui numa etapa da vida na qual as pessoas passam por diferentes transformações, sejam elas orgânico-físicas e/ou psicológicas. Trata-se de um momento de passagem da infância para a vida adulta e a ambivalência daí decorrente atordoia os adolescentes os quais querem se descobrir, encontrar-se e desvelar suas identidades e subjetividades.

Desse modo, o adolescente esbarra na não-transparência da linguagem e dos sentidos, não podendo inferir para si uma construção identitária estável e una. Desse modo, ao mesmo tempo em que o adolescente constrói identidades, ele se movimenta no sentido de desconstruir outras identidades, ao mesmo tempo em que procura construir uma para si, neste período conturbado. O que chama-nos atenção são os contínuos processos de (des)identificação pelos quais os sujeitos inseridos nas instâncias de enunciação analisadas se veem inseridos.

Esse artigo está estruturado do seguinte modo: inicialmente, discutiremos sobre a identidade e sua apreensão no discurso, considerando os conceitos da AD e dos Estudos Culturais, explanando a respeito do papel da mídia na fabricação e no engendramento das filiações identitárias, para, finalmente, analisarmos as identidades (des)construídas a partir dos discursos na revista *Atrevida*.

Objetivamos, desse modo, investigar a influência das revistas femininas no processo de (des)construção de identidades de adolescentes desse sexo. Considerando que, com uma força de persuasão e uma estrutura estrutural bem definida, essas revistas acabam por transferir para si funções educacionais outrora já estabelecidos pela sociedade (PEREIRA &

ALMEIDA, 2002), interessa-nos apreender, na maleabilidade do discurso e dos sentidos, possíveis rastros de identidade das adolescentes consumidoras da revista analisada. O *corpus* dessa pesquisa compreende dois exemplares da revista *Atrevida* – uma das principais publicações endereçadas às adolescentes – escolhidos aleatoriamente dentre os números da revista publicados no ano de 2012.

Para tanto, mobilizamos as noções teóricas advindas dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), mais precisamente na figura de Foucault (2008), além disso, com vistas a conceituar *identidade* numa perspectiva que não destoe diametralmente da perspectiva teórico-metodológica da AD, buscamos respaldo em autores dos Estudos Culturais (mais particularmente Stuart Hall com a noção de identidades fragmentadas) e no filósofo Zygmunt Bauman (2005), quando defende a instabilidade das identidades e dos relacionamentos interpessoais na chamada “modernidade líquida”.

A noção de identidade e sua desterritorialização através da mídia

A noção de identidade vem sendo continuamente enfatizada sobre as mais distintas percepções teóricas, seja no campo dos Estudos Culturais e antropológicos, nas Ciências Sociais, na Psicanálise ou no campo das ciências da linguagem, mais particularmente nas correntes linguísticas que reconhecem o entrecruzamento da língua com a sua exterioridade, a exemplo da Análise do Discurso de linha francesa. Mas, o que essencialmente define a identidade? Afinal, qual é a relevância desse conceito para os estudos linguísticos contemporâneos?

As respostas para essas indagações passam pelo crivo das diferentes teorias que se debruçam sobre a identidade. Dessa maneira, na perspectiva dos Estudos Culturais a identidade é relacionada a outro conceito

fundamental, a diferença. Com efeito, a identidade se funda a partir de um aspecto distintivo, diferencial, pois, por exemplo, quando dizemos “somos paraibanos”, tacitamente queremos dizer no plano individual de quem enuncia que “não sou cearense”, e no coletivo a quem se refere o enunciado, que “não somos gaúchos”, por exemplo. Essa negação constitui a força motriz que permite as pessoas forjarem as suas identidades, ou seja, pela diferença em relação ao outro, pela negação daquilo que não somos, e que, por extensão, excluímos.

A marcação da diferença está na base dos processos de significação, pois uma característica comum à maioria dos sistemas de pensamento parece ser a necessidade de marcar dualimos, tais como: natureza/cultura, homem/mulher, sacro/profano e, assim por diante. (WOODWARD, 2008; SILVA; 2008). Portanto, a identidade relaciona-se de modo visceral com a diferença e ambas são simbolicamente produzidas pela linguagem e pela cultura. Importante salientar que a diferença pode ser encarada como algo pernicioso, que deve ser eliminado (essa visão pode alicerçar a deflagração de conflitos étnicos, por exemplo); bem como pode ser vista enquanto um fenômeno com o qual é preciso conviver, de modo a respeitar a heterogeneidade e o hibridismo das representações identitárias.

Se partirmos do pressuposto de que a linguagem é instável, posto que se imbrica ao contexto sócio-histórico e cultural, a identidade não pode ser entendida como uma entidade fixa, natural ou predeterminada. Retomando nosso exemplo, o enunciado “somos paraibanos” só faz sentido se estiver relacionado a uma cadeia de significados formada por outras identidades de sujeitos oriundos dos demais estados que compõem o Brasil. Dessa maneira, “a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem.” (SILVA, 2008, p. 80).

E se levarmos em conta o momento histórico atual em que as fronteiras nacionais e culturais estreitaram-se devido ao advento da globalização e da interconectividade daí decorrente no período denominado de “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005), acentua-se ainda mais o caráter instável das identidades. Para Bauman (2005), as identidades encontram-se num processo de realinhamento, de configurações constantes, uma vez que estamos vivenciando uma fase de acelerada “liquefação” das estruturas e das instituições sociais. Essa liquefação possibilita uma frivolidade nos relacionamentos interpessoais, nas práticas de consumo de bens e serviços e nas formas de autoridades. Assim, as novidades de hoje, no futuro (bem próximo) já não serão úteis.

Partindo do pressuposto de que o período da adolescência desponta como uma fase conturbada da vida, com incertezas e dúvidas que assolam os que estão nesse período, podemos notar uma necessidade premente, por parte dos adolescentes, de se vincularem a uma determinada identidade, seja através da “idolatria” em relação aos astros *teens*, aos atores e cantores *pop*, seja através do fetiche materializado no consumo de objetos supérfluos. Bauman (Id., p. 34) acrescenta nesse sentido que: “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas.”

Nesse sentido, podemos inferir que a identidade do adolescente é atravessada por um imaginário que o define como portador de uma estrutura psíquica em aberto. Em outras palavras, essa abertura prevê uma permeabilidade e uma suposta permissividade no que tange às fronteiras estabelecidas entre diferentes papéis, práticas e lugares do tecido social. (PORTINARI & COUTINHO, 2006). Essa figura idealizada do adolescente e, por extensão, do jovem é continuamente explicitada pelos dispositivos

mediáticos, principalmente em relação a adolescentes do sexo masculino. Assim, as representações identitárias do adolescente estão ligadas às representações de gênero existentes na sociedade, pois enquanto compete ao adolescente do sexo masculino extravasar o seu espírito de subversão/impetuosidade e esbanjar a sua capacidade de correr riscos, para as adolescentes do sexo feminino ainda persiste a ideia de que elas devem se conter, de maneira a compactuar com as regras sociais, não podendo delas se safar, sob pena de serem estereotipadas e taxadas de “moderninhas”.

Voltando à caracterização da identidade, vale destacar que esse conceito não fica incólume à chamada “reconceptualização do sujeito” (HALL, 2008). Essa transmutação do sujeito foi responsável por deslocar as identidades, até então fixas e circunscritas, uma vez que o sujeito era centrado, cartesiano, controlador de seus dizeres. Hall (2005) aponta cinco eventos que provocaram o descentramento desse sujeito e, por conseguinte, a sutura de sua identidade no período da modernidade tardia (segunda metade do século XX).

O primeiro evento constitui as releituras de Marx realizadas no século XX as quais tiveram como foco a ideia de que os homens não poderiam de nenhuma forma ser autores e agentes da história, uma vez que eles só podiam agir sob determinadas conjunturas históricas pré-estabelecidas. Subjaz dessas releituras uma crítica ao homem enquanto portador de uma essência universal, o que constitui uma espécie de anti-humanismo teórico.

O segundo evento decorre da descoberta do inconsciente por Freud e das releituras deste realizadas por Lacan. Este último traz à baila a influência do Outro na construção das subjetividades/identidades. Nessa perspectiva, a identidade funda-se a partir do inconsciente, e da falta que o caracteriza, pois

para Lacan o inconsciente está estruturado em linguagem. Essa identidade “permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada.” (HALL, 2005, p. 39). A identidade surge de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do exterior, da visão do outro que é necessária para as construções identitárias.

O terceiro evento deflagrador do descentramento do sujeito moderno advém dos estudos de Saussure, mais precisamente quando esse autor defende que a língua é social e que preexiste ao sujeito. Sendo assim, o sujeito não é autor dos enunciados que profere, uma vez que ele só produz significados a partir do momento em que se situa no interior das regras da língua e dos sistemas de significados culturais.

O quarto evento consubstancia-se nas teorizações de Michel Foucault sobre a “genealogia do sujeito moderno” e assunção do poder disciplinar que controla, vigia e governa as práticas e os corpos dos sujeitos. Esse poder incide sobre a constituição do sujeito, individualizando-o.

O quinto evento arrolado por Hall (2005) é representado pelo movimento feminista que atua no processo de descentramento do sujeito, na medida em que redefinir as fronteiras entre o dentro e o fora, o público e o privado, e nos interstícios das identidades de gênero.

Pensando a identidade nos domínios da AD, é possível acrescentar que a arqueogenealogia de Michel Foucault disponibiliza uma série de perspectivas para se entender a identidade. O propósito da obra de Foucault centra-se, sobremaneira, nos estudos acerca da objetivação/subjetivação do homem nos três domínios (saber, poder, ética) em que o sujeito estabelece relações sobre as coisas, sobre os outros e sobre si. (GREGOLIN, 2008).

Importa perceber, nessas circunstâncias, o lugar de onde o sujeito enuncia, o que em outras palavras, significa compreender a articulação do

sujeito com a formação discursiva na qual ele se submete. A busca da identidade no âmbito dos estudos foucaultianos prevê também a assunção das relações de poder intrínsecas às diferentes práticas discursivas pelas quais o sujeito é afetado.

De acordo com Gregolin (Id., p.94, grifo da autora): “[...] a *subjetividade*, para Foucault, diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade.” Portanto, o conceito de identidade passa por um processo de reconfigurações, a partir do contexto atual de novas tecnologias e de readaptação das figuras que outrora eram responsáveis pela atribuição das identidades: a família, a religião, os partidos políticos, os movimentos sociais.

O sujeito da contemporaneidade, conforme enfatiza Gregolin (2008), é um consumidor de identidades, e, ao sentir-se inseguro nas suas redes de parentesco, integra-se às comunidades virtuais, caracterizadas pela descartabilidade das relações pessoais em que as supostas amizades são desfeitas com apenas um clique. Diante disso, os estudos contemporâneos tomam a identidade e sua natureza movediça como objetos de análise, descortinando uma espécie de fratura do sujeito moderno e, por conseguinte, das suas filiações identitárias.

No terreno dos gestos de interpretação

A análise aqui esboçada compreende um gesto de leitura lançado sobre o *corpus*, com vistas a cumprir com o nosso objetivo já mencionado. O *corpus*, portanto, é composto por 02 (duas edições) da revista *Atrevida*. Trata-se de uma revista brasileira publicada mensalmente pela Editora Escala e direcionada ao público adolescente. A publicação é escrita na linguagem do

adolescente, abordando assuntos como amor, sexualidade, beleza, moda, música, artistas *teens* e atualidades que possam interessar às adolescentes.³

Para compreender como ocorre o processo de (des)construções identitárias do adolescente na revista *Atrevida*, investigaremos algumas seções específicas da publicação que abordam basicamente temas como relações amorosas e sexualidade. Com vistas a flagrar vestígios identitários nos discursos da revista, dividiremos esse tópico divide-se em duas partes que englobam as representações identitárias da adolescente leitora da publicação. As seções da revista analisadas foram as seguintes:

- *Tudo sobre sexo* – como já indica o título, essa seção é voltada para “conversar” sobre o sexo. As leitoras postam suas dúvidas e uma especialista (ginecologista) as responde.
- *Ficadas e rolos* – espaço da revista em que as leitoras relatam em tom confessional os seus relacionamentos amorosos, ao mesmo tempo em que encaram a revista como “a melhor amiga” e fazem indagações sobre aspectos concernentes às instabilidades das relações amorosas. Além disso, a revista fornece uma série de dicas para que as garotas obtenham êxito nas conquistas e façam com que os relacionamentos sejam mais duradouros.

As construções identitárias e os discursos sobre a sexualidade

Na seção *Tudo sobre sexo*, as adolescentes expõem suas incertezas no que concerne às questões sobre sexualidade. Em seguida, uma ginecologista responde às indagações numa espécie de carta-resposta. Autorizada a esclarecer esse assunto, a revista identifica a profissional que

³ Informações disponíveis no site *Wikipédia*, mais precisamente no verbete “Revista *Atrevida*.”

está apta a produzir “verdades” sobre as práticas sexuais e, paralelamente, constrói uma identidade para aquela a quem o seu discurso se destina: a adolescente.

Nesse sentido, a especialista que representa a voz de um determinado saber acerca da sexualidade, incentivando as adolescentes a suplantarem mitos, concepções equivocadas e angústias típicas da fase que elas se encontram. Os dois excertos abaixo transcritos podem ilustrar o que estamos afirmando:

Excerto 1: “É verdade que se masturbar dá espinhas?” *F. S. S., por e-mail*

Resposta: **Isso é puro mito!** As espinhas, na adolescência, têm muito mais a ver com as mudanças hormonais típicas do período. Então, vale consultar um ginecologista e fazer alguns exames básicos, para ver se seu desenvolvimento está normal. Se não estiver, o próprio médico vai indicar algum remedinho que, além de corrigir a alteração hormonal, vai fazer bem à sua pele.

Excerto 2: “Tenho 16 anos, sou virgem, mas me masturbo e sinto muito prazer fazendo isso. Eu gostaria de saber se a masturbação ajuda na hora da transa para a garota e se isso pode facilitar a sensação de prazer e não sentir dor na primeira vez.” *R. T., por e-mail*

Resposta: **A masturbação é supersaudável!** Com essa prática você acaba conhecendo melhor o seu corpo em quais dele você sente mais prazer. Isso só conta pontos positivos na hora da relação, pois você já vai saber como se

excitar e, em um momento de mais intimidade, poderá dividir isto com o seu parceiro, tornando a transa mais prazerosa. [...] na primeira vez nem sempre é possível sentir prazer. Se isso acontecer, não desanime com a prática, **a relação só vai melhorar!**

Em ambos os excertos é possível depreender que as respostas fornecidas pela especialista para as interrogações das adolescentes são amparadas pelo saber médico que tenta legitimar uma “verdade” sobre a sexualidade da adolescente, de modo a enquadrá-la dentro do padrão concebido pela ciência. Tomamos a ideia de verdade das teorizações de Foucault (2008) para quem a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a sustentam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. Assim, a vontade de verdade desvelada do discurso da especialista visa à manutenção de uma relação de poder que incide sobre o modo pelo qual a adolescente deve lidar com a sua sexualidade.

No primeiro excerto a especialista esclarece a dúvida proposta pela leitora, dizendo que se trata de um mito, uma vez que o surgimento de espinhas está atrelado, principalmente, ao nível hormonal que sofre inflexões no período da adolescência e não à prática da masturbação, conforme questiona a leitora da *Atrevida*. A fala da especialista, enquanto um argumento de autoridade, desconstrói a percepção da adolescente em relação à sexualidade desta e constrói uma identidade para a jovem leitora.

Ao sugerir que ela procure uma ginecologista, a especialista propõe que a adolescente tome para si uma identidade de alguém que deve buscar nos conhecimentos médicos as verdades acerca da sua sexualidade e do seu

corpo, para não alimentar concepções errôneas secularmente instituídas a respeito do sexo.

Importante registrar que o anseio exposto pela adolescente está em consonância com o engendramento de verdades sobre a sexualidade infanto-juvenil nos discursos médicos e educacionais do século XIX. (BAUMAN, 1998). O saber médico desse período criou para a sociedade da época e, conseqüentemente, para posteridade um pânico em torno da propensão da criança e do adolescente a ser masturbarem, diagnosticando essa prática como uma perversão, um vício, uma patologia responsável por uma série de alterações físicas e psicológicas, dentre as quais, poderia subsistir o nascimento de espinhas, de acordo com a pergunta da leitora, o que explica a dúvida por ela levantada.

No segundo excerto, o discurso da especialista acentua a identidade da adolescente desvelada pela pergunta realizada, pois podemos entrever que a jovem reconhece a função da prática da masturbação como uma atividade saudável para descobrir o corpo e as zonas de prazer nele existentes, ou seja, ela não comunga da dúvida da leitora do excerto anterior de que a masturbação poderia trazer malefícios à saúde. A resposta da especialista reafirma a posição da leitora, ao passo que reitera a identidade de alguém que busca o prazer em si e, posteriormente, em seus parceiros sexuais.

Portanto, nesses dois excertos, a identidade da adolescente encontra-se atrelada aos discursos sobre o sexo e as adolescentes (des)constroem suas identidades num processo de ir-e-vir, num contínuo movimento, em que ora elas temem em praticar determinados atos (a masturbação) e incorrer em conseqüências desagradáveis, ora as jovens já estão amplamente engajadas nestas práticas e procura formas de aprimorá-las a fim de tornar mais prazerosos os seus entrelaces sexuais. Isso denota o caráter instável e

fragmentado das identidades na contemporaneidade, conforme já defendemos anteriormente.

A formação da identidade a partir das relações afetivas

As construções identitárias na revista *Atrevida* também são perpassadas pelas experiências afetivas vivenciadas pelas leitoras da publicação. Ao considerar as “experiências afetivas”, referimo-nos especificamente aos relacionamentos amorosos nos quais as adolescentes se envolvem e que são discutidos na seção *Ficadas e rolos*. Assim como no item anterior, nesta seção da revista, as leitoras também apresentam indagações, solicitam encaminhamentos, questionam comportamentos dos seus parceiros, enfim, debatem aspectos de suas intimidades e estes são respondidos por uma especialista em comportamentos. Atentemo-nos para o excerto a seguir, para verticalizarmos essa discussão:

Excerto 3: “Gosto de um menino, só que não aprovo nenhuma das atitudes dele. Comigo ele é fofo, me trata bem e é carinhoso, mas no colégio, é da turma que zoa de todo mundo, que não estuda e só se mete em confusão. Será que devo terminar? *R. T., por e-mail*

Resposta: Se você gosta dele e ele a trata bem, por que terminar com o garoto, R.? Aproveite sua influência sobre o *boy* e, com **jeitinho** e sem **parecer sermão de mãe**, diga que você o admira ainda mais se ele se ligar que, estudando e investindo a energia em coisas melhores e em atitudes mais legais, o retorno será mais favorável e ele só terá a ganhar.”

A fala da especialista postula o modo como a adolescente deve lidar com o namorado, a fim de solucionar o problema em relação à indisciplina do garoto. Assim, propõe que a adolescente exerça poder sobre o seu parceiro, mas esse poder deve ser suavizado com um “jeitinho” com vistas a fazer com que o garoto modifique o seu comportamento, pois este incomoda sobremaneira a sua namorada. Ao pedir à leitora que aja dessa forma, o discurso da especialista, ou da “conselheira amorosa”, delinea uma identidade para a adolescente, fazendo com que esta se posicione na relação com o namorado e agir sobre ele, de modo a convencê-lo sobre a inadequação de suas atitudes. Trata-se, portanto, de uma pretensa modificação na postura da leitura, uma vez que esta deve se eximir de sua insegurança e não desistir do relacionamento e procurar maneiras de influenciar positivamente o seu parceiro.

Considerações finais

Investigamos nesse artigo o processo de (des)construção das identidades de adolescentes do sexo feminino em algumas seções da revista *Atrevida*. Levamos em consideração que, no contexto atual, as identidades são erigidas sobre uma matriz fluida, em contraposição a estabilidade que as caracterizava outrora. Hoje, determinados dispositivos (como a mídia) agenciam a construção de identidades produzindo uma série de discursos voltados para públicos específicos, a exemplo de adolescentes do sexo feminino, para as quais são direcionados produtos midiáticos (como a revista *Atrevida*). Essas revistas se autoproclamam a “melhor amiga” das adolescentes e oferecem uma gama de temas que possam interessar a esse público.

Tomamos como objeto de análise duas seções específicas da referida revista que tematizavam aspectos como a sexualidade e as relações afetivas, o

que nos permitiu inferir que a revista, através do argumento de autoridade, procura moldar a(s) identidade(s) das adolescentes, orientando a maneira como elas devem encarar a sua sexualidade e normalizar eventuais problemas nos relacionamentos amorosos.

Desse modo, temos os discursos veiculados pela revista que se constituem em efeitos de verdade amparadas em discursos médicos especializados sobre o assunto em pauta, pois “a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem.” (FOUCAULT, 2008, p. 13). Daí, podemos entrever um processo de errância das identidades, uma vez que os rastros de identidade das adolescentes, evidenciados a partir das dúvidas lançadas na revista, diferem da identidade construída pela revista através do discurso dos especialistas convidados para responder às questões propostas pelas leitoras.

Nesse contexto, entra em jogo a *mídia*, que acaba por gerenciar o comportamento e as atitudes, direcionando e ditando o modo através do qual os adolescentes devem agir, tendo-se por corolário a produção de um conjunto de discursos voltados para os adolescentes, de modo a enquadrá-los em certos perfis socialmente aceitos. Assim, os discursos midiáticos operam um jogo no qual se constituem identidades subsidiadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida. (GREGOLIN, 2011).

Com o público adolescente isso não ocorre de maneira distinta, e a mídia, ao fazer a *mediação* entre os leitores e a realidade, forja maneiras de convivência, emoldura saberes sobre práticas e posturas comportamentais. Centrando o foco na mídia impressa, representada pelas revistas voltadas para adolescentes do sexo feminino, é possível antever movências de sentido

e estratégias discursivas que objetivam discutir e orientar as jovens sobre as vicissitudes desse período instável em que elas se encontram.

Referências

ATREVIDA. **Você é única**, nº 214. São Paulo: Escala, 2012.

_____. nº 206. São Paulo: Escala, 2012.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da modernidade**. Trad. M. Gama & C. M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Identidade: entrevista a Benedito Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23ª. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GREGOLIN, M.R. Identidade: objeto ainda não identificado. **Estudos da Língua (gem)**, Vitória da Conquista, BA, v.6, n.1, p.81-97, jun.2008.

_____. Análise do Discurso e mídia: a (re) produção de identidades. In: TFOUNI, L. V.; MONTE-SERRAT, D. M.; CHIARETTI, P. (Orgs.). **A Análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tadeu Tomás da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA, J. L. V.; ALMEIDA, M. B. “Sabe tudo sobre tudo”: análise da seção de cartas-pergunta em revistas femininas para adolescentes. In: MOTTA-ROTH, D.; MEURER, J. L. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino de linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002.

PORTINARI, D.; COUTINHO, F. R. A roupa faz o homem. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs.) **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, T.T. A produção social da identidade da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.